

ITALO CALVINO

*MUNDO ESCRITO E
MUNDO NÃO ESCRITO*
Artigos, conferências e entrevistas

Organização:
MARIO BARENGHI

Tradução:
MAURÍCIO SANTANA DIAS



Questo libro è stato pubblicato grazie ad un contributo per la traduzione da parte del Ministero degli Affari Esteri italiano.

Obra publicada com a contribuição do Ministério das Relações Exteriores da Itália para a tradução.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Mondo scritto e mondo non scritto

Capa
Raul Loureiro

Preparação
Julia Passos

Revisão
Huendel Viana
Marina Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Calvino, Italo, 1923-1985.

Mundo escrito e mundo não escrito Artigos, conferências e entrevistas / Italo Calvino ; organização Mario Barengi ; tradução Maurício Santana Dias. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: Mondo scritto e mondo non scritto.

ISBN 978-85-359-2573-9

1. Autores italianos 2. Calvino, Italo, 1923-1985 — Livros e leitura 3. Calvino, Italo, 1923-1985 — Crítica e interpretação 4. Ensaios italianos I. Barengi, Mario. II. Título.

15-01341

CDD-854

Índice para catálogo sistemático:

1. Ensaaios : Literatura italiana

854

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

LER, ESCREVER, TRADUZIR

As boas intenções (1952),	9
Personagens e nomes (1952),	12
A fortuna frustrada do romance italiano (1953),	14
Os destinos do romance (1956),	19
Questões sobre o realismo (1957),	22
Respostas a nove perguntas sobre o romance (1959),	28
A “temática industrial” (1962),	37
Correspondência com Angelo Guglielmi a propósito do <i>Desafio ao labirinto</i> (1963),	41
Sobre a tradução (1963),	47
Carta de um escritor “menor” (1968),	58
Literatura sentada (1970),	62
Furtos com arte (conversa com Tullio Pericoli) (1980),	65
Traduzir é o verdadeiro modo de ler um texto (1982),	79
Literatura e poder (sobre um ensaio de Alberto Asor Rosa) (1983),	86
Os últimos fogos (1983),	95
Gian Carlo Ferretti, <i>O best-seller à italiana</i> (1983),	100
Mundo escrito e mundo não escrito (1983),	105
O livro, os livros (1984),	115
Por que vocês escrevem? (1984),	129

SOBRE O MUNDO EDITORIAL

- Apontamentos para uma coleção de sondagem moral (1960), 135
Um projeto de revista (1970), 140
Uma nova coleção: as Centopagine Einaudi (1971), 149
A Einaudi Biblioteca Jovens (1974), 155
A Biblioteca Romântica Mondadori (1981), 160

SOBRE O FANTÁSTICO

- Os cavaleiros do Graal (1981), 175
Contos fantásticos do século XIX (1983), 181
Sete frascos de lágrimas (1984), 193
O fantástico na literatura italiana (1984), 199
Noturno italiano (1984), 210

CIÊNCIA, HISTÓRIA, ANTROPOLOGIA

- A floresta genealógica (1976), 219
Os modelos cosmológicos (1976), 222
Montezuma e Cortés (1976), 226
Canibais e reis, de Marvin Harris (1980), 237
Carlo Ginzburg, "Sinais: Raízes de um paradigma indiciário" (1980), 243
Ilya Prigogine e Isabelle Stengers, *A nova aliança* (1980), 250
Arnold Van Gennep, *Os ritos de passagem* (1981), 256
Longa viagem ao centro do cérebro, de Renato e Rosellina Balbi (1981), 261
Perturbando o Universo, de Freeman Dyson (1981), 264
Giovanni Godoli, *O Sol: História de uma estrela* (1982), 271
Estudos sobre o amor, de Ortega y Gasset (1982), 275
O olhar distanciado, de Claude Lévi-Strauss (1983), 281
Pietro Redondi, *Galileu herético* (1983), 290
Fato antigo e fato moderno, de Giorgio de Santillana (1985), 298

LER, ESCREVER, TRADUZIR

*AS BOAS INTENÇÕES (1952)**

O Bom Leitor aguarda as férias com impaciência. Adiou para as semanas que passará numa solitária localidade de mar ou de montanha um bom número de leituras que deseja fazer e já saboreia a alegria das sextas à sombra, o rumor das páginas, o abandonar-se ao fascínio de outros mundos transmitido pelas linhas cerradas dos capítulos.

Quando as férias se aproximam, o Bom Leitor circula por livrarias, folheia, fareja, calcula, retorna no dia seguinte para comprar; em casa, tira das estantes volumes ainda intactos e os enfileira entre os aparadores de livros da escrivainha.

É a época em que o alpinista sonha com a montanha a escalar que se aproxima, e do mesmo modo o Bom Leitor escolhe a montanha que irá enfrentar. Trata-se, por exemplo, de um dos grandes romancistas do século XIX, de cuja obra nunca se pode dizer que se leu tudo, ou cuja enormidade sempre inspirou certo medo ao Bom Leitor, ou cujas leituras, feitas em épocas e idades diferentes, deixaram lembranças muito desordenadas. Neste verão o Bom Leitor decidiu finalmente ler de verdade o tal autor; talvez não consiga lê-lo inteiro nas férias, mas naquelas semanas acumulará uma primeira base de leituras fundamentais e depois, ao longo do ano, poderá preencher facilmente e sem pressa as lacunas. Então ele separa as obras que pretende

(*) *L'Unità*, 12 ago. 1952.

ler nos textos originais, se forem escritos numa língua que conhece, ou na melhor tradução; prefere os grossos volumes das edições completas, que contêm várias obras, mas não desdenha as edições em formato de bolso, mais adequadas para se ler numa praia ou debaixo das árvores ou no ônibus. Acrescenta alguns bons ensaios sobre o autor escolhido, ou quem sabe um epistolário: e agora tem para suas férias uma companhia segura. Pode cair granizo o tempo todo, os parceiros de viagem podem mostrar-se odiosos, os pernilongos não darem trégua e a comida ser intragável: as férias não serão perdidas, o Bom Leitor voltará enriquecido de um mundo novo e fantástico.

Claro, este é apenas o prato principal; depois é preciso pensar nos acompanhamentos. Há as últimas novidades nas livrarias, e o Bom Leitor quer estar a par dos lançamentos; há ainda as novas publicações em seu ramo profissional, e é indispensável aproveitar aqueles dias para lê-las; e também é preciso escolher uns livros que sejam de natureza diversa de todos os já selecionados, para dar variedade e possibilitar frequentes interrupções, repousos e mudanças de registro. Agora o Bom Leitor pode estender diante de si um plano de leituras detalhadíssimo, para todas as ocasiões, horas do dia, humores. Se dispuser de uma casa nas férias, quem sabe uma velha casa cheia de recordações da infância, o que há de melhor que predispor um livro para cada cômodo, um para a varanda, um para a cabeceira, um para a espreguiçadeira?

Estamos na véspera da partida. Os livros escolhidos são tantos que para transportar todos eles seria necessário um baú. E assim começa o trabalho de exclusão: “Este de todo modo eu não leria, este é muito pesado, este não é urgente”, e a montanha de livros diminui, é reduzida à metade, a um terço. Eis que o Bom Leitor chega a uma seleção de leituras essenciais, que vão dar o tom às suas férias. Ao fazer as malas, alguns volumes ainda ficam de fora. O programa se restringe então a poucas leituras, mas todas substanciais; estas férias marcarão uma etapa importante na evolução espiritual do Bom Leitor.

Os dias de folga começam a transcorrer velozmente. O

Bom Leitor se encontra em ótima forma para fazer esporte e acumula energias com o propósito de estar numa situação física ideal para ler. Porém, depois do almoço, é tomado de tal sonolência que dorme por toda a tarde. É preciso reagir, e nesse sentido a companhia o ajuda, pois neste ano ela é insolitamente simpática. O Bom Leitor faz muitas amizades, e durante todo o dia sai a passeio, de barco, e à noite cai na farra até tarde. Claro, para ler é preciso solidão; o Bom Leitor medita um plano para desvincular-se. Cultivar sua queda por uma jovem loura pode ser o melhor caminho. Mas com a jovem loura ele passa a manhã jogando tênis, a tarde, canastra, e a noite, dançando. Nos momentos de repouso, ela nunca fica em silêncio.

As férias terminaram. O Bom Leitor recoloca os livros intactos nas malas, pensa no outono, no inverno, nos rápidos e concentrados quinze minutos reservados à leitura antes de deitar, antes de correr ao escritório, no bonde, na sala de espera do dentista...

*PERSONAGENS E NOMES (1952)**

Acredito que os nomes dos personagens são muito importantes. Quando estou escrevendo e preciso introduzir um novo personagem — e já tenho muita clareza de como ele vai ser —, às vezes me detenho buscando-o por horas e, enquanto não encontro um nome que seja verdadeiro, o único nome para aquele personagem, não consigo seguir adiante.

Seria razoável fazer uma história da literatura (ou pelo menos do gosto literário) apenas considerando os nomes dos personagens. Para nos limitarmos aos escritores italianos de hoje, podemos distinguir duas tendências principais: por nomes que pesem o menos possível, que não constituam nenhum diafragma entre o personagem e o leitor, nomes de batismo comuns e intercambiáveis, quase números para distinguir um personagem de outro; ou por nomes que, mesmo não significando nada diretamente, tenham um intrínseco poder evocativo, sejam uma espécie de definição fonética dos respectivos personagens e, uma vez colados a eles, não se possam mais destacar, tornando-se ambos uma só coisa. Vocês podem facilmente classificar nossos maiores escritores contemporâneos em uma ou outra categoria, ou num sistema intermediário. Quanto a mim, em meu âmbito restrito, sou um defensor da segunda

(*) *Epoca*, 27 set. 1952, p. 3 (resposta a uma enquete intitulada “Nossos escritores se confessam: como autores, nós batizamos assim”).

tendência; sei perfeitamente que se correm contínuos perigos de cair no clichê, no mau gosto, no grotesco mecânico, mas os nomes são um coeficiente assim como aquilo que se costuma chamar de “estilo” da narração, e devem ser decididos junto com ele, julgados em seu resultado conjunto.

Objeta-se: mas os nomes das pessoas são casuais, e então devem ser casuais os nomes dos personagens, para que sejam realistas. No entanto creio que os nomes anódinos são abstratos: na realidade sempre se encontra uma sutil, impalpável, às vezes contraditória relação entre nome e pessoa, de modo que alguém é sempre aquilo que é mais o nome que tem, nome que sem ele não significaria nada, mas, ligado a ele, adquire um significado todo especial, e é essa relação que o escritor deve conseguir suscitar em seus personagens.

*A FORTUNA FRUSTRADA DO ROMANCE ITALIANO (1953)**

Em outras literaturas, o romance nasceu de pais aventureiros e andarilhos, teve vida longa, exuberante e afortunada. Entre nós, teve por pai Alessandro Manzoni: realmente um nobre genitor, impossível imaginar outro mais digno, mais solícito e paciente ao criar seu filho único. Quis fazer dele um romance modelo, e com certeza conseguiu. Mas, como frequentemente os filhos de genitores demasiado circunspectos e virtuosos definham e não sabem entesourar a educação que lhes é ministrada com tanta assiduidade, assim à prole dos *Noivos* restou uma espécie de entrave que derivava do temperamento pouco romanesco de seu patriarca. Com isso não se pretende diminuir em nada aquele grande autor e aquele grande livro, mas apenas falar de sua particular natureza. Manzoni foi de fato um romancista especial, avesso ao gosto da aventura; foi um moralista sem pendor para a autointrospecção, um criador de personagens e de ambientes e de pestes e de incursões de lansquenês acuradamente descritos e comentados, mas não destinando a se transformar em novos grandes mitos modernos. E foi o

(*) “Inédito. Resposta a uma questão radiofônica da RAI, creio que de 1953, que nunca foi transmitida. Sobre Manzoni, o juízo que expressei naquela ocasião teve tempo de mudar.” (N. A.) Texto datilografado de três páginas, com poucas correções autógrafas, conservado numa pasta intitulada *Sobre o romance*. Na folha que contém a nota de redação acima reproduzida, no alto à direita, o adendo “ver em que ano devia ocorrer a transmissão radiofônica. 1953? 1951?”.

construtor de uma língua cheia de arte e de significado, mas que se estende como um estrato de verniz sobre as coisas: límpida e sensível quanto nenhuma outra, mas sempre verniz. E esteve — feliz dele — muito distante de qualquer trepidação amorosa, alegre ou triste, manifesta ou subterrânea; não há nada a objetar quanto a isso, ao contrário, hoje o erotismo só provoca tédio, mas, sejamos francos, o amor sempre foi uma grande força motriz, no romance e em outras coisas.

O temor reverencial a esse pai se propagou de geração a geração, até às mais próximas de nós. Pesou até sobre quem era romancista de verdade, como Ippolito Nievo, que se enredou nos visgos moralizantes e linguísticos de Manzoni; logo ele, que conhecia o que era aventura, história familiar, grandeza e decadência, vida humana e presença da mulher na vida do homem, paisagem natal, transfiguração da memória em contínua presença real — o generoso, o jovem, o fluvial Nievo.

Mas na Itália, para escrever romances — tanto antes quanto hoje —, era preciso buscar uma tradição no âmbito da grande narrativa mundial e no campo de toda a literatura italiana (não de um gênero ou de uma escola), porque nosso romanesco está fora dos romances, esparsos nos primeiros novelistas e cronistas e comediantes até Porta e Belli, e dos maiores cancioneiros até Leopardi.* Assim, às vozes, aos rumores, aos murmúrios dos

(*) “No manuscrito, a alusão a Leopardi ‘romancista’, que me havia sido sugerida pelo amigo Giulio Bollati, era desenvolvida numa passagem que mais tarde eliminei para não antecipar o tema de um ensaio que Bollati pretendia escrever. Mas então que pai gostaríamos de ter tido para o romance italiano? Um tipo agitado e intrépido, como Alfieri ou Foscolo? Ou um daqueles tipos transbordantes de vitalidade plebeia, como Porta ou Belli? Ou um grande criador de personagens, como Rossini ou Verdi? Talvez nenhum deles. Para mim, o pai ideal do nosso romance teria sido alguém que pareceria o mais distante possível dos recursos do gênero: Giacomo Leopardi. De fato em Leopardi estavam vivos os grandes componentes do romance moderno, os mesmos que faltavam a Manzoni: a tensão aventureira (aquele islandês que parte sozinho para as florestas da África, aquela noite entre os cadáveres no gabinete de Federico Ruysch, aquela outra sobre o convés de Colombo), a assídua pesquisa psicológica introspectiva, a necessidade de dar nomes e rostos de personagens a sentimentos e pensamentos dele e de seu século. E depois a língua: a via que ele indicou foi a de máximos efeitos com meios mínimos, que sempre foi o grande segredo da prosa narrativa. Mas é sobretudo leopárdiana

dias e das noites de Recanati quem sabe responderam outras vozes, outros rumores, outros murmúrios, vindos daqueles bosques de Aci Trezza. Movendo-se na onda dos franceses, Verga redescobriu — como símbolo da realidade italiana — o país, redefiniu as relações do homem — idílio e drama — com a natureza e com a história, colheu no longínquo nó entre língua e dialeto a linguagem ideal do romance.

Grandes invenções, que naquele momento deviam dar poucos frutos. Grassava o regionalismo descritivo, uma praga que ainda hoje penaliza nossa narrativa. Não é uma opção de gosto que nos leva a condená-lo, mas uma questão de princípio. O verdadeiro romance vive na dimensão da história, não da geografia: é aventura humana no tempo, e os lugares — lugares o mais possível precisos e amados — lhe são necessários como imagens concretas do tempo; mas colocar esses lugares, os costumes locais e a “verdadeira face” desta ou daquela cidade ou população como conteúdo do romance é um contrassenso.

Assim, nos *veristas* regionais era sempre o antirromance que derrotava o romance, e o influxo de Manzoni esfriava ainda mais as melhores descobertas linguísticas e de ambiente, como aquelas do melhor deles: Remigio Zena.

Entretanto catástrofes nacionais bem mais graves maturavam no terreno do romance: Fogazzaro e o fogazzarismo (que ainda hoje tem seus continuadores em chave provinciano-cosmopolita), D’Annunzio e o dannunzianismo (que, derrotado no plano cultural, ainda refloresce de vez em quando como erva daninha “espontânea”), Pirandello e o pirandellismo (esse equívoco sobre os meios de expressão, também ele com sua “fortuna” esparsa). (É sintomático que a passagem de um século para outro tenha sido marcada não por um romancista, mas por um narrador em versos, Guido Gozzano.) Não é de

a capacidade de encerrar, no espaço de um lugar conhecido, de uma cidade, de um ambiente, o sentido do mundo. E aqui seu não tardou a dar frutos: às vozes, aos rumores etc.” (N. A.)

surpreender se a geração literária que veio depois proscreveu o romance como gênero espúrio e degradado. Era preciso ser de uma cidade alegremente ignorante do peso da tradição, como Trieste, para escrever romances com a maravilhosa virgindade literária de um Svevo; ou de uma cidade em que cada pedra está envenenada de literatura, como Florença, para saber escrever as *Irmãs Materassi*.

Assim chegamos ao problema de hoje. O novo romance italiano nasceu — dizem — em oposição ao clima da prosa de arte e do hermetismo. Mas foi mais um contraste de temas que de conteúdo. (E a abertura às influências estrangeiras atuou de modo semelhante ao que havia atuado, em outras épocas, a presença de Walter Scott ou de Zola.) O “homem hermético”, homem à margem, homem de oposição passiva, homem negativo, contemplativo, que já sabe tudo e só se agita por iluminações imperceptíveis, continua sendo o protagonista dos narradores da geração de *Solaria* e de *Letteratura*. Um clima social comum chega a unir o indiferente Michele de Moravia (que, no entanto, não seguiu as mesmas trilhas) e o mais irrequieto Silvestro na Sicília [leia-se: de *Conversa na Sicília* de Vittorini, além do exilado de Pavese e, mais tarde, o Corrado da *Casa na colina*. Já nas margens do lirismo hermético nasce o pequeno idílio de Pratolini. Comparando à época da poesia montaliana, nesses autores havia mais uma vez o problema das relações com o mundo circundante. Assim renasce o romance, dessa confluência de uma veia lírica e intelectual com a necessidade de espelhar-se nas histórias humanas.

Esse primeiro momento, que durou até depois da guerra, hoje está superado: não se escrevem mais romances de ambiente popular com protagonista lírico-intelectual. No entanto, infelizmente, de um lado se volta à *tranche-de-vie* naturalista, de outro, aos lirismos puros. Hoje o problema é não renunciar a nenhum dos dois componentes — o lírico-intelectual e o objetivo —, mas fundi-los em um todo unitário e [...] uma nova expressão unitária.

(Para a narrativa memorialista-ensaística, documental, de

retrato, de discussão de ideias — à Carlo Levi, enfim —, gostaria de reivindicar uma posição de autonomia em relação ao romance: trata-se de um gênero hoje necessário a uma literatura que afunde suas raízes em um terreno cultural bem trabalhado. Um claro estabelecimento dessa exigência iria favorecer tanto uma séria tomada de contato com a realidade — mais do que o faria certa narrativa documentária e superficial — quanto as possibilidades de vida do romance-romance.)

Hoje, que as grandes narrativas estrangeiras estão todas em crise, o romance-romântico poderia renascer na Itália? Certamente há muita carne no fogo na Itália, com equívocos novos (o dialeto transformado em preciosismo, o regionalismo transformado em expressionismo, a fotografia reassimilada pelo gosto, a incultura tomada por juventude, a imitação arcaica tomada por tradição), mas algo de bom, por insistência, sairá disso tudo.

Mas algo sempre faltou ao romance italiano, a coisa de que mais gosto nas literaturas estrangeiras: a aventura. Sei que, em tempos não muito distantes, essa foi a palavra de ordem de Bontempelli, que talvez só tivesse uma ideia teórica dela, eivada de irracionalismo, quando a aventura é prova racional do homem diante de coisas contrárias a ele. Como poderia existir, hoje, um romance de aventura na Itália? Se eu soubesse, não estaria aqui tentando explicar: o escreveria.